

BANHOS DE CHEIRO AOS TURISTAS: O TURISMO EM AMBIENTE COMERCIAL E CULTURAL

Laura Carolina Vieira

PPGA- Universidade Federal do Pará



submissão: 30/05/2021 | aprovação: 18/11/2021

RESUMO

O Setor das Ervas é uma das seções distintas da Feira do Ver-o-Peso, principal ponto turístico de Belém, Pará. A seção comercializa produtos naturais medicinais advindos da biodiversidade amazônica, associados aos usos etnoecológicos locais. Constrói-se aqui uma avaliação da circunstância do turismo corrente nesse ambiente comercial e cultural, observando como propostas e direcionamentos institucionais sobre o mercado turístico operam em tal configuração. Debate-se o potencial cultural e patrimonial como atrativo turístico, os processos de fetichização e descaracterização dos produtos, dos saberes tradicionais e das feirantes erveiras/os, a relação entre urbanismo, cidades criativas e turismo, além do gerenciamento das/os erveiras/os pelos “usos do lugar”.

Palavras-chave: Turismo; Cidades criativas; Mercantilização cultural.

**“BANHOS DE CHEIRO” FOR TOURISTS:
TOURISM IN A COMMERCIAL AND CULTURAL
ENVIRONMENT**

ABSTRACT

The Herbs Sector emerges as a distinct sections of the Ver-o-Peso market, considered the main tourist spot in Belém. This section sells natural medicinal products from Amazonian biodiversity, associated with local ethnoecological uses. In this article, an assessment of the tourism in this commercial and cultural environment is constructed, observing how institutional proposals on the tourism market operate in such a configuration. This discussion includes its cultural and heritage potential as a tourist attraction; the processes of fetishization and mischaracterization of products, traditional knowledge and herb vendors; creative cities and tourism relationship; management of the herb vendors through the place.

Keywords: Tourism; Creative cities; Cultural
Mercantilization.

**“BANHOS DE CHEIRO” PARA TURISTAS:
TURISMO EN UN ENTORNO COMERCIAL Y
CULTURAL**

RESUMEN

El Sector de las Hierbas es uno de los sectores notables de la “Feira do Ver-o-Peso”, el principal punto turístico de Belém. El sector vende productos medicinales naturales derivados de la biodiversidad amazônica, asociados a usos etnoecológicos locales. A partir de esto, se construye una valoración de las circunstancias del turismo actual en este entorno comercial y cultural, observando cómo operan en tal configuración las orientaciones institucionales asociadas com el mercado turístico. Se debate el potencial cultural y patrimonial como atractivo turístico; procesos de fetichización de productos, conocimientos tradicionales; relación entre urbanismo, ciudades creativas y turismo; el manejo del lugar por parte los vendedores.

Palabras clave: Turismo; Ciudades creativas;
Mercantilización cultural.

1. INTRODUÇÃO

O artigo disposto é um desdobramento reflexivo sobre o turismo, categoria analítica elaborada a partir da pesquisa desenvolvida no Setor das Ervas¹ - uma das seções da Feira do Ver-o-Peso, da cidade de Belém (PA) - entre os anos de 2018 e 2020 (Vieira 2020)², na qual as relações promovidas pela atividade turística mostraram-se elementares para a composição avaliativa do panorama de movimentação lá estudado. Uma vez que os saberes tradicionais de cura medicinal - materializados em produtos e artigos comercializados no Setor das Ervas - circunscrevem-se no preponderante ambiente sociocultural e mercantil que constitui o complexo feirístico do Ver-o-Peso, destacando-se a operação do turismo enquanto componente interacional (e influente) de outros elementos básicos para a vigência desses saberes no ambiente citadino de Belém.

Aspectos culturais, memorialísticos, patrimoniais e afetivos circundam a realidade de uso, legitimação e apreço dos conhecimentos tradicionais e as práticas históricas de uso de ervas e outros insumos naturais para cura física e espiritual na capital do estado do Pará. Nessa configuração, o Setor das Ervas, eminente seção

da principal feira da cidade, surge como lugar central do comércio, transmissão e diálogo desses saberes no referido município, haja vista sua relação profunda com a Feira do Ver-o-Peso e essa, por sua parte, com a cidade - em múltiplos referenciais como identidade, memória, narrativas e história. Por esses aspectos, a atividade turística manifesta-se notadamente associada e sensibilizada perante projetos municipais de desenvolvimento urbano reflexionados em um ideário próprio às denominadas “cidades criativas”. Tais projetos estão fundamentados na equação “cidade e seus polos culturais”, dos quais, em Belém, o Complexo do Ver-o-Peso irrompe central.

Nesse artigo pretendo - baseada em um recorte significativo, mas medular da pesquisa desenvolvida - observar como o turismo se envolve com o Setor das Ervas, considerando as relações institucionais, de comércio, de atividade cultural e de agência das/os feirantes erveiras/os a partir de um panorama de transformação de um espaço que, compreendido como “lugar de memória” (Nora 1997), é/será governamentalmente projetado. A partir de tal configuração, os exames de duas maiores discussões são fundamentais: 1) A importância do Ver-o-Peso, do Setor das Ervas e dos saberes

1 Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (Capes), pela bolsa concedida a este estudo. Agradeço à minha orientadora de mestrado, professora Renata de Godoy, pelos diálogos e ensinamentos.

2 Visou compreender dinâmicas relativas à presença de saberes tradicionais de cura medicinal com elementos da biodiversidade local em ambiente urbano.

tradicional de cura medicinal observando suas facetas identitárias e históricas; 2) Os processos de direcionamento e desenvolvimento urbanísticos vigentes no município, dos quais se apoiam no ideário das “cidades criativas” e a construção de narrativas simbólicas, influenciando nos aspectos de lugar e nos sentidos desse (Shamai & Ilatov 2015). A primeira discussão abarca pontos relevantes para compreender a expressão, permanência e transmissão de saberes tradicionais, tais quais lugar, memória, oralidade e vínculos emocionais (Little 2002). A segunda possibilita perceber o turismo como uma operação interacional que é tanto meio quanto objetivo dos projetos, repercutindo nas formatações comerciais e culturais no Setor das Ervas na Feira do Ver-o-Peso. Esse panorama se apoia na discussão dos “senses of place” (Shamai & Ilatov 2015), os quais se traduzem na compreensão e sentidos que os sujeitos suportam e dão para suas experiências em determinado lugar, do qual as significações e valorações acontecem devido aos sentidos simbólicos atribuídos pelos indivíduos associados à experiência deles naquele local - a qual ocorre de forma variada, individual e subjetiva, com influências simbólicas ativadas ou desativadas influenciando sobre a apreensão (Shamai & Ilatov 2015). Levantar essas discussões permite a compreensão da atividade turística em associação com os elementos “culturais” aqui estudados, ou

seja, como o turismo cultural no Setor das Ervas está envolto pelas circunstâncias que dinamizam essa “cultura”.

Início com considerações sobre o “lugar” (Nora 1997), sua materialidade e as práticas que lá ocorrem, percebendo como elas podem se inserir em um ideário que influi sobre as potencialidades de atrativo turístico, o qual se contextualiza historicamente. Em seguida, observo como os saberes tradicionais, tidos como fenômenos culturais, estão confrontando e ligando narrativas de representação importantes para a atratividade turística, complexificados por sua posição emblemática na rotina belenense, abordando os impactos da mercantilização associada ao turismo cultural. Adiante, comento as transformações, projeto e direcionamentos institucionais recentes, observando contrastes e intercâmbios com as agências das/os feirantes erveiras/os, essas materializadas no espaço, na sensorialidade e na corporeidade do Setor. Ao final, tenciono considerações sobre possibilidades de realização da atividade turística associada aos atrativos culturais em relação com os interesses das/os sujeitas/os diretas/os.

A abordagem metodológica empregada buscou abranger os meios de percepção referentes à intensidade da dimensão cultural e histórica dos saberes tradicionais em Belém, conjuntamente

com a experiência do fluxo urbano próprio dessa cidade enquanto capital. Detive-me em três planos contíguos de exame: o município de Belém, a Feira do Ver-o-Peso e o Setor das Ervas. Voltando-me a esses três canais físicos de consideração, mantive, durante o período de dois anos, uma relação aclimatada com tais planos, da qual, foi absorvida por meus antagônicos marcadores (Silva 2005): como turista, pesquisadora e recém-domiciliada na cidade. Além da atividade etnográfica, examinei o “Plano Ver-o-Pará: plano estratégico de turismo – Estado do Pará 2012-2020” (Pará 2012), o “Projeto Revitalização da Feira do Ver-o-Peso” (Belém 2019), o “Plano Municipal de Turismo de Belém 2020” (Belém 2020), o relatório de monitoramento “Belém Unesco Creative City of Gastronomy 2015-2019” (Unesco 2015) e o “Plano Nacional de Turismo 2018-2022 (Brasil 2018).

Experienciei uma acometida de “afetação” (Siqueira 2005) que perpassou em profusão minha conduta enquanto pesquisadora. Tal foi sobrepassada pela minha imagem criada em campo pelas/os interlocutoras/es, as/os feirantes erveiras/os, quando fui compreendida não somente como “pesquisadora”, mas como uma “turista que pesquisa” e a qual “se estabelecerá” na cidade. A imagem inicialmente se formou fora do meu controle e contrária às minhas primeiras expectativas metodológicas. Conforme me inseria

em campo, percebi o potencial analítico sobre a compreensão da figura “turística”, canalizando a reverberação dessa categoria social na minha interação com as/os erveiras/os e, assim por diante, observando como o estudo se fundamentava em uma relação de afetação, na qual minha condição de turista não invalidava, mas importava e avolumava meu posicionamento no Setor das Ervas, tanto com as/os erveiras/os quanto com os produtos e práticas tradicionais. Originária de um estado da região Sul do país, meus marcadores sociais (Silva 2005) associavam-me como integrante do público consumidor turista, um conjunto específico variado e bem conhecido da seção e da Feira, do qual se forma em, pelo menos, duas características comuns: consumidores de produtos e/ou consumidores de experiência. Com hesitação inicial, me afetei nas engrenagens cotidianas da seção, possibilitando um panorama de estudo em que a atividade etnográfica se enriqueceu ao ter sido eu compreendida enquanto um elemento daquele sistema de consumo de saberes tradicionais.

Situar-me nessa configuração permitiu a percepção dos anseios envoltos ao turismo, seja pelo seu público consumidor ou como as/os feirantes entendiam e se organizavam para tal, me levando à percepção dessa atividade econômica como fator relevante para o comércio do Setor das Ervas e a representação simbólica desse em graus

culturais e sociais. Destacaram-se as associações, cisões e influências que o potencial cultural dos produtos, saberes e feirantes erveiras/os carregam em suas existências perante os projetos políticos que tocam a economia turística. Ocupar o lugar de turista, ainda como pesquisadora e moradora da cidade, abriu um tipo de comunicação singular com as/os interlocutoras e com a realidade estudada. Experienciar o Setor das Ervas e a Feira do Ver-o-Peso como - também - turista, sustentou uma metodologia na qual a relação dialética se fez menos intencional e, muitas vezes, para além do verbal (Siqueira 2005).

Levanto essas considerações sem me esquecer dos aspectos pragmáticos que a abordagem afetada possibilitou. Ao adquirir uma relação de consumidora de experiência, consumidora de produtos e persona turística, pude contornar ou remanejar alguns entraves práticos na qual uma pesquisa em relação ao Setor, a partir da minha imagem exógena e acadêmica construiria. A Feira do Ver-o-Peso caracteriza-se como *locus* de múltiplas pesquisas, análises e proposições. É comum a presença de pesquisadoras/es de diversas áreas acadêmicas na feira. Ao iniciar minha pesquisa em um ritmo mais objetivo, por meio de entrevistas semiestruturadas, minha imagem exógena similar ao público turista causou hesitações e desconfortos, haja vista processos conflitivos

anteriores envolvendo pesquisadores sudestinos e a apropriação comercial de saberes tradicionais do Setor das Ervas por uma multinacional para qual eles trabalhavam.

Deixar-me afetar pela minha condição de turista aliou técnicas de apreensão da realidade cidadinas comuns de uma pesquisa em Antropologia urbana, como atividade de andar e se relacionar sensorialmente com os espaços (Magnani 1996, Eckert & Rocha 2003). Projetando-me no Setor das Ervas, a partir de caminhadas e conversas, experienciei o espaço, o comércio, os sentidos, os usos e rotinas. Adaptando-me ao ritmo comercial, notei os interesses dos diferentes sujeitos, a necessidade de abordagens variadas e as influências que os produtos vendidos envolvem, como transmissão de saberes, encantarias e representação cultural. Foi a partir da minha aclimação e validação dos meus marcadores sociais (Silva 2005) na realidade estudada, somados aos atos de caminhar e interagir com o entorno - apoiados na contínua sucessão temporal e absorção sensorial - que pude me familiarizar e adequar-me a uma lógica mais densa do Setor, onde foi possível observar, ainda, características de pertencimento aos sentidos do lugar, isto é, a diversidade de fenômenos e cognições partilhadas e individualizadas por aqueles que fazem uso contínuo e profundo do local (Shamai & Ilatov

2015), forma de apreensão em que “ser turista” não foi suficiente, mas sim meu status de nova moradora da cidade e do bairro da Cidade Velha, o qual se liga ao Ver-o-Peso. Experienciar a feira enquanto componente interno dela - consumidora ordinária - propiciou apreender e acessar estímulos e atividades de reprodução social correntes que, em sua singularidade, são manejados pelas/os erveiras/os agentes da realidade, assim como pelo discurso público e midiático, os quais manobram narrativas.

Repasso sinteticamente as configurações metodológicas voltadas a uma abordagem afetada, pois foram substanciais para a compreensão dos elementos e gerenciamentos que envolvem a temática do turismo sobre as práticas culturais de consumo de medicinas tradicionais. Com essa abordagem, pude acessar, conversar e avaliar narrativas, sociações, agências, representações e configurações das/os feirantes erveiras/os em uma atividade comercial na qual os vínculos, afetividades e subjetividades amarram a prática de cura perante a forma mercantil. Essa disposição me permitiu a sensibilização das análises do componente sensorial agenciado no Setor das Ervas, pois, estar conectada aos fenômenos sensórios que o contexto citadino imprime, foi, marcadamente nessa pesquisa, atravessado pela atividade desses próprios estímulos sensórios

como componentes de caracterização e atração do comércio na seção. Sendo assim, minhas canalizações contaram com as assimilações dos estímulos sensoriais do ambiente provindos da absorção fenomenológica, da corporificação, do movimento, dos aspectos emocionais e do decurso temporal, em que estímulos, como cheiros, sons, imagens, dimensões, temperaturas, gostos e texturas, permitiram a interação com o Setor ao mesmo tempo que se ligam aos fenômenos sociais dali.

2.AS RELAÇÕES ENTRE LUGAR, TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO, ATIVIDADE CULTURAL E TURISMO

O Ver-o-Peso se reserva como ícone maior da cidade de Belém. Caracteriza-se por um complexo mercantil que comporta feiras ao ar livre, mercados e praças. Seu lugar na identidade da cidade perpassa níveis econômicos, culturais, históricos, patrimoniais, arquitetônicos, memorialísticos, afetivos e cotidianos. Particularizando-se perante as demais feiras da cidade como um local mercantil tradicional de maior destaque, mas distinguindo-se delas por sua posição proeminente no imaginário de Belém, uma vez que seu processo histórico e relação corrente sobre os projetos e elementos, materiais e simbólicos, de desenvolvimento citadino segue ao largo da constituição da capital.

Tal contexto aproxima-se da situação de muitos outros mercados públicos municipais, dos quais, invariavelmente, articulam fenômenos e estruturas históricas, encadeando episódios e processos sociopolíticos, econômicos e urbanísticos em aspecto de rede com os seus respectivos municípios. Considerado o “cartão-postal” de Belém (Lima 2008:107), o Ver-o-Peso está entre os primeiros elementos a serem destacados sobre experienciar a cidade, acompanhado talvez pela cachaça de jambu, a maniçoba, os banhos-de-cheiro, o peixe frito com açaí, o carimbó e o tucupi.

Tencionando estigmas entre categorias como ruralidade e urbanidade, a trama composta entre Setor das Ervas, Ver-o-Peso e Belém relaciona-se aos Estudos Citadinos. Seus fenômenos sociais ligam-se aos contextos de reestruturação e modernização urbanística da cidade, sendo que esses interagem e influem com os diversos conjuntos de sujeitos sociais e suas subjetividades. A situação relaciona-se ao atributo “multifacetado, dinâmico e, muitas vezes, ambíguo da vida cultural” citadina (Velho 2013: 45), agindo sobre aspectos sociais, psicológicos e cognitivos. Assim, no contexto do Setor das Ervas, associado fundamentalmente com a Feira do Ver-o-Peso e, por sua vez, a Belém, é necessária uma reconstituição da posição e estruturação da feira e do seu comércio ao longo do tempo e desenvolvimento da cidade. Para

essa compreensão, em que a associação entre cultura, comércio e turismo é presente, a abstração perpassa o contexto histórico, o qual possibilita apresentar a relevância social da cultura, imbricada em sua constituição pelos imaginários, elementos, sistemas, projetos, pessoas e manejos presentes (Hobsbawm 1971). A formação do Setor das Ervas envolve a própria formação do Ver-o-Peso e está ligada aos planejamentos, programas e propostas da cidade de Belém, em que o modo urbano, seja em nível individual, coletivo ou institucional, afeta os processos de comércio, difusão e valorização dos saberes tradicionais e da cura pelas ervas, aqui, como fenômeno cultural.

O Ver-o-Peso desenvolve-se em meados do século XIX, na primeira área radial do assentamento da cidade. Disposta como porto naval a partir da posse portuguesa no século XVII, a urbe foi planejada para o controle da entrada e saída do rio Amazonas, possibilitando a defesa de ataques indígenas e estrangeiros, como também a facilidade de acesso ao interior da região. Assim, já no embrião do que se tornaria o “Ver-o-Peso”, certo ideário de planejamento, controle e proeminência daquele espaço é infundido da estrutura social que começava a se formar, relacionada à colonização, sendo ele um ponto angular da Província do Grão-Pará para a Coroa Real Portuguesa no tocante a soberania e produção econômica da região.

A área volta-se definitivamente às atividades comerciais com o aterramento do Igarapé do Piri e a construção da Doca do Ver-o-Peso, surgindo então o Mercado do Ver-o-Peso (hoje, Mercado de Ferro), da feira livre no entorno e outros elementos ainda constituintes do atual Complexo, como praças.

Lugar de comércio, central ao núcleo urbano que se formava, teve seu primeiro projeto estrutural planejado no governo do intendente Antônio Lemos, no auge do ciclo da borracha amazônica (século XX). Nessa gestão, viabilizando melhorias às edificações do Ver-o-Peso, o intendente buscava revitalizar a cidade, como julgava necessário, a equiparando às estruturações das metrópoles europeias, as quais concebia adequadas para a relevância e riqueza de Belém provindas da economia gomífera (Sarges 2000). Desse modo, os projetos e reformas incluíam ordenar, regularizar e revitalizar pontos e edificações de circulação das elites (Sarges 2000), dentre eles, o Ver-o-Peso com seu destaque. As obras de infraestrutura adequavam-se às propostas urbanas correntes do período, concebidas modernas e aos moldes das cidades da *belle époque* europeia. Lemos esperava transmitir, por meio das novas edificações, uma ordenação do tipo “civilizado” à população local, sendo os sujeitos da sociedade europeia os representantes desse “tipo” (Sarges 2000).

Preocupado com questões como salubridade, estética e hábitos culturais, sua gestão seguia a cartilha urbana higienista e de cunho europeu em voga nos demais centros proeminentes do Brasil, embasada por teorias sanitárias e médicas que pontuavam o controle populacional por meio urbanístico a fim de sustentar a “civilidade” (Costa 2013: 51).

Com a ativa realidade estrangeira na cidade por meio de comerciantes e políticos, a gestão planejou um esquema urbanístico que priorizava o “refinamento” de edificações, sistemas e estruturas urbanas, atingindo a população. O ideário de florescimento sustentava narrativas, como “Paris dos trópicos” e “Francesinha do Norte”, na qual as então elites possuíam modos europeus. Tais grupos, distinguidos enquanto cidadãos, conviviam na área nuclear da cidade - onde se assentava o Ver-o-Peso - conjuntamente com a população variada, caracterizada por “pobres de origem portuguesa”, “mestiços”, indígenas e negros (Chambouleyron 2008:18). Essa última camada era aquela à qual o projeto de reestruturação urbana e sociocultural visava controlar e restringir práticas, atividades, costumes e saberes locais (Sarges 2000).

Tanto o mercado como a feira livre, formada ao redor desse primeiro, foram pontuados como espaços a serem regulados e melhorados; beneficiamentos que continuam programados

ainda hoje pela sociedade organizada, o poder municipal e as instituições acadêmicas, tais como ventilação, organização, disposição, controle mercantil e técnicas de manuseio dos produtos (Moraes 2017). Contudo, a feira livre, diferente das estruturas edificadas, conservou-se menos controlável e padronizada, com seus fluxos comerciais mais dinâmicos e intensos. Foi ela, em conjunto com os ambulantes que também achegavam ao espaço e a classe dos feirantes, a mais estigmatizada durante a gestão lealista, que entendia naqueles sujeitos e suas práticas tidas “nativas, bárbaras” a manutenção de uma cidade “feia e suja, pois onde estacionavam para exercer suas atividades, deixavam o local imundo” (Sarges 1998: 166), contribuindo para a desordem e práticas ociosas. Contudo, foi com essa feira livre - que mais tarde se chamará Feira da Praia e depois Feira do Ver-o-Peso - que o comércio do Ver-o-Peso se fundamentou na constituição cidadina, crescendo e atingindo novos espaços e ruas. Ao largo do tempo, outras atividades e produtos somaram-se à venda de produtos extrativistas e de cultivos, como o próprio comércio de ervas e banhos de cheiro (Penteado 1968), até então ocorrendo por meio de ambulantes pela cidade. A feira livre se somou aos mercados edificadas em importância orgânica e característica daquele espaço, onde, intensificadas pelo tempo, as práticas e atividades comuns dos

feirantes, extrativistas e vendedores ambulantes foram substanciais para as feições que o Ver-o-Peso possui e imprime - socialmente e culturalmente. A partir das intenções de Lemos, considero a feira o primeiro maior encontro entre as ambições urbanísticas formuladas em um padrão externo-estrangeiro e a viva realidade local. O cerne dessa dualidade se mantém ao longo dos anos na orla histórica de Belém, onde, apesar da saída das elites e a permanência de classes baixas, a realidade dos sujeitos que compõem o espaço é comentada, pelos próprios, como constantemente atravessada por fragmentadas projeções urbanísticas - onde cada gestão projeta uma definição momentânea e partidária - se mostrando descoladas e exógenas.

Criar edificações ao modo da *belle époque* ou avenidas ao estilo dos *boulevards* parisienses foi uma forma, no olhar lealista, de “quanto mais torna eficaz o saneamento de uma cidade, maiores encantos e segurança adquire ela e mais atraente se faz para os visitantes estrangeiros” (Sarges 1998: 173). A formação urbana e estética da cidade perpassava os moldes europeus da época e viabilizava a atração desses visitantes e comerciantes. Percebe-se como a associação entre a revitalização do ambiente com a atratividade turística possui um tipo de fundamento desde o primeiro projeto de reestruturação urbana. O período áureo do látex amazônico financiou

uma imagética citadina em que a estética e as representações baseavam-se em noções europeias, fenômeno que ressoa ainda hoje, com apontamentos correntes em muitos pontos turísticos da cidade, especialmente no bairro da Cidade Velha e Campina - localidades radiais comentadas, nas quais se localiza o Ver-o-Peso.

Três grandes intervenções estruturais aconteceram no Ver-o-Peso durante o século XX e XXI: em 1968, no governo de Alacid Nunes; em 1980 com o prefeito Almir Gabriel (primeira a padronizar as barracas) e de 1999 até 2004, durante a gestão de Edmilson Rodrigues (mais notória e reconfigurando toda a feira). Desde 2016, a gestão dupla do prefeito Zenaldo Coutinho (2013-2020), intentava uma nova intervenção, barrada pelo Ministério Público do Pará e o Iphan. Em 2019, o projeto básico foi aprovado (Belém 2019), com o alerta do Ministério Público do Pará para os abusos e falta de diálogo com feirantes. Esse projeto é tratado aqui, uma vez que canaliza percepções higienistas e advoga um elo entre passado-futuro a partir do controle do presente, como será discutido. Contudo, segundo feirantes e erveiras/os, todas as propostas sempre acabam ecoando considerações higienistas de controle da “desordem”, ainda que não possuam correlações entre si. A própria fragmentação dos projetos, a depender da gestão efetivada, é percebida como um descolamento e/ou

interesse partidário particular que sempre voltam para a economia municipal advinda do lazer, entretenimento e turismo. Proponho observar o projeto civilizatório lealista - que rebaixava as práticas populares locais em detrimento do comportamento europeu e como esse conferiu ao Ver-o-Peso uma incumbência político-simbólica na qual, literalmente edificando, se deveria, em conjunto com outros pontos, representar a cidade, visível e adequada para o mundo “civilizado” (Sarges 1998); às sanções que se assemelham mesmo hoje, apoiadas em formatações como as das “cidades criativas”.

Destaco como a atividade turística, no contexto belenense, se expressa como política pública e associa a ideia do “atrativo turístico” com a estrutura urbana, importante não apenas para viabilizar as estadias e usufruto da atividade, mas sendo a própria razão para tal, vide o potencial histórico e patrimonial. Contudo, não é só a estrutura e arquitetura da cidade (ou mais precisamente, *de áreas* dela) que resumem os “chamarizes” com características de fim turístico de Belém, mas também os muitos elementos da cultura intangível e o ambiente amazônico. Entretanto, é na readequação urbana, com seus projetos políticos respectivos, que a administração desse setor econômico tem fundamento aplicado. Observo como na realidade vigente, essa circunstância

possui elementos e processos respectivos, mas advém de um panorama histórico de formação da cidade o qual facilmente entrou, entra e entrará em contraste e relação com as práticas populares e culturais, incluindo os saberes medicinais discutidos.

A complexa dualidade presente no Ver-o-Peso singulariza - de maneira ambivalente - o turismo corrente, o qual, por meio de uma forma massiva de consumo das atrações em espaços históricos tratados em suas realidades como museológicos (Urry 1996), apoia-se nas narrativas simbólicas de identidade, representação, história e cultura. Essas pujantes, mas também trazidas manejadas nos ideários urbanos de revitalização da área histórica e de orla da cidade. Na feira, esse panorama histórico-cultural possui elementos que seguem juntos, pelo menos no âmbito do turismo, mas que reiteram o dualismo entre os anseios institucionais e os anseios dos sujeitos diretos da feira, majoritariamente feirantes. Refiro-me ao contraponto entre a valorização da estrutura edificada em comparação com o manejo e enaltecimento dos saberes e práticas tradicionais - que acontecem devido à presença, domínio e expertise dos trabalhadores e trabalhadoras, na sua diversidade de funções perenes no tempo. Esses observam uma coexistência continuada de apartamentos perante a atividade sociocultural

quando se tratam dos projetos de desenvolvimento estrutural os quais experienciaram e que teriam superficialmente dialogado ou mesmo entrando em conflito direto com feirantes. Contudo, para o vigente projeto turístico pretendido ao Ver-o-Peso, ambos os elementos - práticas sociais e melhorias estruturais da feira - não se excluem, ainda que os saberes e práticas sejam as partes sensibilizadas, por causa da invenção de tradições e a ilusão da realidade, efeitos colaterais próprios ao “turismo de massa” (Urry 1996). Analisar o turismo presente no Setor das Ervas é considerar que os saberes tradicionais de cura medicinal e espiritual por meio de produtos naturais se liga aos manejos, interpretações e narrativas que a economia turística se beneficia. Assim, é importante compreender como age o turismo de associação com o “cultural”, “natural”, “histórico”, “patrimonial” (Santana Talavera 2003), quais elementos o promovem, como impacta a realidade social dos sujeitos locais, quais conflitos e proventos estarão envolvidos para esses últimos.

3. ATIVIDADE TURÍSTICA NO SETOR DAS ERVAS ENQUANTO “ESPAÇO CULTURAL”

Os banhos de cheiro, garrafadas, ervas e demais artigos comercializados no Setor das Ervas são materializações dos saberes tradicionais medicinais comuns à região amazônica. Usados para curar

males físicos e/ou espirituais, podem ser utilizados como atrativos e reforços para o amor, proteção, finanças, estudos e outros. Tais conhecimentos populares fazem parte de uma tradição regional ampla e afeita do emprego desses artigos. Advém de um intercâmbio entre saberes medicinais indígenas, africanos, nordestinos e europeus. Suas origens estão atravessadas pela historiografia belenense, somando as relações, semelhantes ou diversas, com as práticas interioranas desses saberes (Santos 2000, Figueiredo 1994). Seu comércio está presente no Ver-o-Peso desde o início do século XIX (Pantoja & Simonian 2010).

Em 1990, com a gestão de Almir Gabriel, é estruturado o Setor das Ervas, padronizando as barracas na forma atual. Tal seção é composta predominante por mulheres. A produção artesanal está envolta por redes de transmissão, preservação e prática dos saberes, com laços ativos de memória, afetividade e pertença. O aprendizado é geracional, oral e prático; e estar presente nos processos de feitura e mercantilização é essencial. Prevalece um legado familiar, mas os saberes também podem ser repassados aos amigos, caso não haja interesse ou afeição dos parentes. As/os erveiras/os não são únicas/os detentoras/es desses conhecimentos, porém, estão entre as/os mais especializadas/os no contexto citadino. Compram os insumos para os produtos dos mateiros de áreas insulares de Belém

ou então cultivam em hortas próprias, aumentando a autonomia e melhorando o controle econômico final. Essas/es se percebem sujeitas/os urbanas/os individuais com relações mais ou menos coletivas entre si. Muitas/os são provenientes de municípios menores. Opostas/os a uma noção de “interioranas/os”, se reiteram cidadinas/os, com a descrição de suas rotinas sempre em âmbito urbano. Ser erveira/o no Ver-o-Peso é estar na urbe e ser parte constituinte dela.

Considerando a transmissão e o ambiente onde ocorrem, os saberes tradicionais são “produtos históricos” (Cunha 1999), ou seja, dialogam em dois momentos temporais, o ancestral e o atual, interagindo com formações, renovações e informações cotidianas. Transformativos, envolvem nessa equação o entorno, que se mostra determinante. Os produtos comercializados no Setor das Ervas se inserem nas dinâmicas históricas da cidade, vinculados aos festejos, cotidiano, práticas, comércio ambulante e feiras. A expressividade eleva os saberes - e aqui, se inclui sua materialidade enquanto produtos e os seus usos - como um importante, destacado e reiterado representante da imagem belenense. Destaco como o costume ativo do uso de ervas, banho de cheiro e afins, em conjunto com a posição que a cultura do banho de cheiro é vinculado à imagética da cidade e o comércio do Setor das Ervas - em seus

aspectos mercadológicos, materiais, experienciais, subjetivos e etnoecológicos -, sendo atravessados pela atividade turística de busca cultural e autóctone, nomeado como “turismo cultural”. Assim, sendo partes integrantes do Ver-o-Peso, a Seção, os produtos, os saberes, as/os erveiras/os, o comércio e a tradição ganham ou intensificam matizes próprias às dinâmicas sociopolíticas do Complexo, nas quais o turismo é um fator estimulante.

Os sentidos que perpassam o Ver-o-Peso comportam influências e leituras institucionais sobre o Complexo assentadas em sua singularidade e importância sociohistórica. Para tal, os olhares institucionais baseiam-se na relevância urbana que os cidadãos belenenses conferem ao espaço - a qual possui um expressivo teor afetivo e memorialístico - mais as narrativas simbólicas de soberania e identidade histórica do Ver-o-Peso, construídas desde o período colonial e da *belle époque* gomífera. O Setor das Ervas, um dos destaques do principal “cartão-postal” (Leitão 2010) de Belém, agrega valor ao mercado turístico, já que, assim como o Complexo, seus elementos socioculturais distinguem-se, realçados pela realidade natural etnobiológica da diversidade amazônica. Acontece uma somatória que contrasta apreensões das quais interagem entre si: as impressões simbólicas institucionais e os sentidos

concedidos pelos trabalhadores, frequentadores e familiarizados. No entanto, essa contraposição é afinada e adequada para a atividade turística, na qual as diferenças acabam sobrepostas por duas categorias maiores que unem tanto a perspectiva institucional como a perspectiva das/os feirantes em ambos os anseios econômicos sobre o mercado turístico: o ambiente amazônico e sua cultura. Entretanto, a consideração e o manejo sobre a imagética da cultura e do ambiente amazônico não são as mesmas para esses conjuntos - direcionamentos governamentais e anseios dos feirantes -, ainda que haja semelhanças.

Discuto o impacto da atividade turística nessa realidade diversamente compreendida, mas conjuntamente ansiada, vendo o turismo de base cultural é apreendido como uma movimentação pautada na vivência de elementos culturais, históricos, artísticos, patrimoniais, identitários pela experiência (Santana Talavera 2003). Por meio do contato intercultural, esse formato de turismo oferece a escolha de uma amostra, material ou não, tida como “elemento de cultura” que é convertida “em experiências com um valor acrescentado. O consumidor compra, não bens e serviços, mas a vivência de experiências e sensações.” (Pérez 2009: 111). Notadamente diverso, esse modo turístico se volta para a participação mercantilizada da variedade cultural, seja em viés estético e/ou social,

possível por meio de prova de alguma experiência, considerando-a como uma “amostragem” da realidade social, histórica ou cultural que se experimenta. Santana Talavera (2003) aponta que desde os anos 1980, algumas das demandas turísticas iniciaram o fortalecimento do interesse pelo meio ambiente e cultura, associados à história, paisagem, etnografia, arquitetura, fauna e flora, que acabam relativizados a grupos humanos mais virtuais do que reais. Em ambição ao “autêntico”, destacam-se o ambiente, a cultura e a *gente*. Busca-se o compartilhamento de “experiências”, que se vinculam à noção de “exótico”, “primitivo” e “autêntico”.

Atentando-se ao público turista e visitante do Ver-o-Peso, noto como a concepção sobre visitar a Feira do Ver-o-Peso é diversamente subjetiva, porém, voltada a uma lógica de consumo de produtos enquanto souvenir e da experiência como vivência exótica. No Setor das Ervas, o consumo dos produtos - medicinais tradicionais - os transforma em exóticos *souvenirs* marcadores de uma passagem/passeio no Complexo/cidade. Tal circunstância é deliberadamente percebida, avaliada e comentada pelas/os comerciantes ervaíras/os, que criam manejos próprios para influir a relevância tradicional dos artigos, saberes, técnicas, práticas e usos. Já os projetos de reforma da feira, intensamente voltados ao mercado do

turismo e entretenimento, marginalizam o seu sentido como um ambiente comercial de compra e venda de insumos para as necessidades cotidianas que abarcam o uso de medicinais tradicionais, intensificando uma realidade mercantilizadora desses elementos culturais.

Todo o Ver-o-Peso, e o Setor das Ervas particularmente, congrega impressões e comoções próprias voltadas aos artigos, às/aos feirantes-ervaíras/os e à ambientação da seção; essas influências são plásticas, interacionais e mutantes. Na atividade turística, essa situação se vincula a uma “poética amazônica”, espécie de construto tanto orgânico como de desenvolvimento parcialmente artificial e de relativismo externo (dadas suas qualidades identificatórias dependendo, em alguns níveis, de um contraste com algo outro que não si mesmo, ou seja, uma realidade “não amazônica”). Assim, os elementos que compõem a seção, sejam eles tangíveis, como a estrutura, os artigos, os enfeites; sejam intangíveis, como os saberes, práticas, costumes; sejam sensoriais, como os cheiros, sons, temperatura, ventilação, umidade; ou sejam sociais, como as sociabilidades e tradicionalidade, são marcados pela singularidade do lugar e seus sentidos (Shamai & Ilatov 2015), que, somados às narrativas simbólicas sobre as propriedades culturais e amazônicas, produzem uma imagética que se reforça na oposição com

outros panoramas - no caso dos turistas, seus lugares de origem ou ainda outros lugares conhecidos.

Essas narrativas simbólicas, pautadas a partir da experiencição do lugar, quando diante do turismo enquanto projeto são institucionalmente apropriadas como chamarizes que se ajustam ao ritmo e demanda do mercado turístico, marginalizando a realidade que, justamente, confere e conferiu as características culturais e históricas. No caso do Setor das Ervas, para compreender os impactos sociais da atividade energética, rizomática e imprevisível que constitui a atividade turística - que se adéqua segundo suas próprias complexibilidades e adversidades práticas afinadas ao meio externo e de maneira irregular (Barreto 2003) -, necessito observar como a valorização das medicinas tradicionais como bens culturais e patrimônios intangíveis é determinante, notando como o mercado turístico pode se apropriar dessas classificações e reduzi-las.

Os artigos vendidos no Setor das Ervas distinguem-se do comércio de produtos naturais fitoterápicos. A dessemelhança ocorre justo por serem saberes tradicionais, envolvendo cosmologia, prática e interação com as formas locais de relação perante os elementos da biodiversidade, medicina e espiritualidade. Essa singularidade se intensifica também por estarem relacionados com os hábitos

e sociabilidades próprias de Belém, pois englobam os artigos em si, os conhecimentos tradicionais, a figura das erveiras, as afetividades e memórias, as práticas e “tradições” (Hobsbawm 2008) do município.

Assim, a valoração dos banhos de cheiro e demais artigos de cura está no conjunto do próprio saber medicinal tradicional ligado com dinâmicas socioculturais e históricas da cidade. A diferença perante lojas especializadas na venda de ervas e plantas se faz no potencial cultural dos produtos que envolve a produção, utilização, sentidos e representações que esses carregam aos seus produtores e consumidores. Enquanto “prática cultural”, eles se definem distintos e preconizam o potencial patrimonial visto que a feitura, uso e modo de comercialização estão associados à cultura intangível - que interessa à atividade turística (Urry 1996, Santana Talavera 2003).

No ano de 2006, intentando o destaque institucional da cultura imaterial no Complexo, iniciou-se o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Ver-o-Peso pelo Iphan, com apoio dos feirantes, marcadamente o grupo das/os erveiras/os expresso na Associação Ver-as-Ervas (Maués 2014). O INRC objetivou catalogar, documentar e reconhecer a diversidade cultural imaterial do Complexo do Ver-o-Peso, agregando a relevância social e cultural do lugar referente

ao patrimônio, até então apenas justificado pelos elementos arquitetônicos e paisagísticos (por meio do tombamento no ano de 1977³, sem referência aos elementos sociais e intangíveis do Complexo). Os produtos medicinais tradicionais, enquanto referências culturais da realidade belenense, propiciam sua consolidação no mercado turístico pela dimensão cultural. A carga patrimonial de bens culturais advém das interações sociais que envolvem categorias, como memória, identidade, passado, espaço e também a cidade (Reis 2015).

O turismo pautado na experiencição e consumo cultural perpassa o âmbito social da urbe. O Ver-o-Peso, como interseção entre constituições ribeirinhas e citadinas, transporta à cidade de Belém tramas que envolvem a imagética da natureza e das “culturas amazônicas”. Elas, se perspectivadas pelo turismo que busca o consumo do exótico, por meio da midiaticização e projetos institucionais desconectados, acabam generalizadas e superficializadas em performances pitorescas de um “mundo amazônico” essencializado e caricato. Apropriando-se dos patrimônios culturais como suportes, tal atividade pode subsidiar efeitos nocivos aos próprios elementos (e aos seus sujeitos diretos), ainda que os estimulem. Observo a diferença entre uma atividade criativa dos fenômenos culturais -

aqui os banhos de cheiro e demais - dinamizando-se e reinventando-se no tempo e espaço (Hobsbawm 2008) e as transformativas configurações nocivas e predatórias desses mesmos bens culturais apoiadas no processo mercantilizador da cultura, que se dá frenético.

A cultura mercantilizada e massificada responde aos estímulos externos e se descola da sua realidade sendo uma forma de esgotamento da singularidade local em detrimento do padrão do mercado turístico de massa que, hegemonicamente, se globaliza (Veloso 2006, Appadurai 1996, Urry 1996). O Setor das Ervas é um ambiente no qual práticas geracionais e etnobiológicas se firmaram, perduraram e desenvolvem no tempo; mesmo em ambiente comercial, as possíveis mercantilizações - por meio de processos de fetichização da cultura (Veloso 2006), característicos do turismo cultural - podem inferir reducionismos e banalizações, afetando a continuidade densa dos saberes tradicionais, das práticas geracionais, das formas pessoalizadas e ímpares do comércio das/os ervaíras/os. Os elementos que são considerados bens culturais, mesmo que oficialmente patrimonializados, podem perder seus significados, sofrendo desfigurações e mutações desagregadas da inclinação dos anfitriões, como ocorrem com

3 Processo n. 812-T-1969, tombado com o nome Conjunto Arquitetônico e Paisagístico “Ver-o-Peso” (Inscrição n. 69, de 9/11/1977), Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (inscrição n. 460, de 9/11/1977), Livro do Tombo Histórico (inscrição n. 525, de 9/11/1977) e Livro do Tombo Belas-Artes.

as/os erveiras/os perante a falta de autonomia em algumas das diretrizes municipais sobre o turismo, como a estigmatização e essencialização de suas agências e figuras sociais como pitorescas “mandigueiras” das florestas (Vieira 2019) - nas quais os elementos naturais da região amazônica e cosmológicos dos diversos sujeitos tradicionais também são rotulados. O contexto turístico brasileiro, que se fundamenta na múltipla oferta de atrativos naturais e sua variabilidade de biomas, tem composto ao seu repertório os bens culturais, tangíveis ou materiais, próprios ao país e sua constituição social e histórica (Belém 2018, Belém 2012). Natureza e cultura estão, nacionalmente, associadas como componentes da atratividade da nação. Não obstante, nelas estão imbricadas comuns problemáticas sociais que envolvem o projeto nacional, como a exploração colonial e os dispositivos de opressão racial, os quais influem na atividade turística.

A Organização Mundial do Turismo (2001) observa como os bens culturais, uma vez mercantilizados, têm crescido o risco da perda de suas configurações e significações locais, pois outros atores e interesses passam atuar, diferentes agentes que originalmente os constituíam e estando associados com padrões exógenos.

Logo, a intensificação da economia do turismo cultural, sobretudo em diretrizes institucionais, deve ser perspectivada pelas gestoras e gestores, observando suas configurações, condutas, regulações e efeitos, principalmente perante os conjuntos sociais que envolvem, os “anfitriões”. Se o turista cultural difere do turista de massa, pois busca conscientemente a interação com a cultura de um conjunto social e/ou atividade humana que está fora da sua habitualidade (Santana Talavera 2003), procura então pelo “diferente” e pela “diferença”, assim, considerar as possíveis formas de alteridade é indispensável para compreender as dinâmicas e efeitos que o turismo acarreta. O posicionamento das instituições e órgãos governamentais que regulam a economia e atividade turística pode influir nessas relações de alteridade, haja vista seu lugar estrutural nas narrativas simbólicas e imaginários nacionais (Bourdieu 1989, Gupta 2015).

4. PROJETOS DE REVITALIZAÇÃO, CIDADES CRIATIVAS E SABERES TRADICIONAIS MEDICINAIS

O Complexo do Ver-o-Peso conecta-se espacialmente a uma zona que conflui variados atrativos turísticos⁴. Desde os anos 2000, a orla histórica de Belém, circundada pela baía do

4 Alguns dos pontos são o Forte do Presépio, o Complexo Estação das Docas, o Complexo Feliz Lusitânia, a Catedral da Sé, a Casa das Onze Janelas, o bairro tombado da Cidade Velha, o Museu da Imagem e Som, o Museu do Estado do Pará, o Museu do Círio, o Museu da Arte Sacra, a Praça do Carmo, o Mangal das Garças e o Portal da Amazônia.

Guajará, torna-se uma zona visada ao turismo e entretenimento devido ao seu potencial histórico, cultural, arquitetônico e patrimonial. Suas revitalizações são advogadas como respostas à situação de declínio da área que estaria despojada, decadente e sem finalidade, mas potencialmente atrativa ao mercado do entretenimento (Cardoso 2016, Trindade Jr. 2018). A imagética de poderio da *belle époque* serve como sustentação discursiva aos novos projetos que se pretendem modernizadores e inseridos nos princípios das “cidades criativas”, fundamentados pela ideia da união entre “passado-futuro”.

A situação conflui com outras cidades brasileiras que começaram, a partir de 1990, processos visando a renovação urbana das áreas históricas, principalmente naquelas com potencial turístico. Tais renovações, seguindo finalidades higienistas, mostraram-se gentrificadoras (Jayme & Trevisan 2012). O ideário das “cidades criativas” acaba operando simultaneamente com as noções de superação higienista das zonas consideradas extenuadas, esmaecidas, inoperantes, degradadas e perigosas, as quais devem ser manejadas objetivando a organização social - fenômeno “positivado” (Douglas 1976), uma vez que produtivo à finalidade turística e de lazer. A primeira reforma

que circunscreveu o Ver-o-Peso e suas áreas adjacentes (sob gestão lemistá) procurou a criação de novos hábitos urbanísticos (“civilizados”) aos cidadãos. A argumentação contemporânea sustenta discursos de revalorização e restituição de um prestígio que teria se perdido (Cardoso et al. 2016), sendo suas atualizações apropriadas à realidade contemporânea. O Projeto de Revitalização da Feira do Ver-o-Peso (Belém 2019), sob gestão do então prefeito Zenaldo Coutinho (2013-2020), advoga tais considerações, impulsionando uma reforma estrutural que remanejaria a feira para um padrão próprio aos mercados fechados, voltados ao público turista e de lazer, distante do seu perfil enquanto feira comercial de abastecimento alimentício, diverso à proposta de mercado edificado voltado ao consumo cultural.

Entretanto, a percepção de decadência e inoperância são insuficientes para contemplar a realidade da orla histórica e do Ver-o-Peso. O Complexo possui elevada movimentação econômica⁵, expressiva diversidade e quantidade de produtos alimentícios, naturais e manufaturados, setores de alimentação e sociabilidade e lojas de artigos diversos. Socialmente, abarca uma densa, complexa e enraizada conexão entre feirantes e trabalhadores/as associados/as com

5 O conjunto das atividades movimenta diariamente por volta de 1 milhão de reais, de acordo com estimativa do Dieese apresentada em reportagem ao jornal O Liberal no ano de 2019. Fonte: <https://www.oliberal.com/belem/complexo-do-ver-o-peso-movimenta-r-1-milh%C3%A3o-por-dia-1.98984>.

o lugar (Leitão 2010) a qual se apresenta parte integrante de seus processos pessoais e íntimos e de vivências. As problemáticas estruturais, reais, apontadas, discutidas e questionadas pelos e entre os sujeitos diretos ao Ver-o-Peso não são suficientes para reduzir o lugar às narrativas de marginalidade, crise e falência. As narrativas dos planos de revitalização, quando desconexas com a realidade direta do Ver-o-Peso, produzem um caráter higienista pautado em noções que envolvem o controle da desordem, essa associada aos aspectos de impureza do local, poluição, pior estética, higiene ou etiqueta (Douglas 1976) que, por sua vez, repercutiriam em sanções sociais de desprezo e ostracismo sobre a feira, contrariando os intentos do poder público sobre a economia turística. A partir de uma lógica higienista, os planos de revitalização desconsideram uma série de fenômenos, circunstâncias e vínculos do lugar. Projetos orientados, principalmente, ao público turista e classes médias e altas, que seriam atraídas e consolidariam o espaço como centros de entretenimento e turismo, manifestam um tipo de gentrificação comum à realidade patrimonial latino-americana, a qual se faz a partir da exploração dos patrimônios históricos e culturais como meios de consumo gentrificado (Paes 2017, Jayme & Trevisan 2012). Essa, com uma *práxis* que reúne medidas higienistas de adequação

aos padrões internacionais e não locais, reflete o interesse no potencial econômico das áreas a partir de uma definição institucional para a população local.

As “cidades criativas” são um tipo de proposta urbano-desenvolvimentista que pode acabar intensificando conjunturas de higienização, desarticulação e gentrificação perante os sujeitos locais. Baseando-se em critérios como “economia criativa” e “indústria criativa”, seu mote é a inovação dos espaços urbanos apoiados da relação entre atualidade e tradição, relacionando o “local” e o “cosmopolita” nos planejamentos. A Unesco fundou a Rede de Cidades Criativas, composta por 246 cidades no mundo, das quais o Brasil comporta seis delas, uma delas a própria cidade de Belém, associada em 2017. Com esse título, a capital participa de projetos de fomento internacionais voltados à indústria criativa e sustentabilidade, fatores que materializariam a conjuntura da chamada “economia criativa”, a qual se caracteriza pelo uso criativo e inovador no planejamento da cidade e solução de suas crises. Objetiva-se “promover a cooperação internacional entre localidades com potencial de usar a criatividade como vetor estratégico para impulsionar o desenvolvimento urbano sustentável” (Unesco 2004: 5).

A ideia central das “cidades criativas” é a geração

de emprego e renda aos seus sujeitos vinculados devido à requalificação e revitalização dos espaços considerados esquecidos, mas importantes por sua faculdade criativa e elo entre “passado e futuro”. Os centros históricos aparecem destacados nesse ideário devido à pretensa disposição de uma “herança” sociocultural e patrimonial, uma vez que seriam as cidades criativas “aquelas onde há senso de conforto e familiaridade, uma boa mistura do velho com o novo, variedade e escolha e um equilíbrio entre o calmo e o vivificante” (Landry 2013: 45). A formação desses empregos não se moldaria aos formatos econômicos já correntes nesses ambientes e envolvente aos sujeitos locais, mas voltada a “gerar postos e locais de trabalho ligados aos empreendimentos modernos como *coworkings*, *hubs* e *startups*, todos ligados formando *clusters* em vários pontos, revitalizando e requalificando espaços urbanos degradados.” (Duarte 2019: 30). Percebe-se na discutida proposta, a partir das circunstâncias operantes no Ver-o-Peso, a inserção de modelos exógenos sobre lugares em conjunto com o redirecionamento das atividades dos sujeitos-feirantes e comerciantes. Manejo apontado institucionalmente como necessário, pois assim, tanto lugar como pessoas, enfim, ascenderiam.

O turismo, sendo tanto uma categoria econômica como ferramenta perante a proposta

das cidades criativas, acarretaria ainda, segundo o vigente Plano Nacional de Turismo (Belém 2018), uma valorização dos patrimônios naturais e culturais como atrativos e a infraestrutura como canalizadora, ocorrendo o destaque da capacidade de inovação e criatividade das cidades (Belém 2018). Em Belém, o turismo é destacado no relatório para a Rede de Cidades Criativas da Unesco, já que estaria ligado à gastronomia local - categoria selecionada para qualificar o município como integrante da referida rede. Vinculados aos mercados e feiras, os patrimônios naturais e culturais aparecem reiterados no Plano de Ação do Relatório da Unesco (Unesco 2015), dispostos como destacados locais que definem a presença gastronômica. Observa-se em tal documento, a indicação de uma construção no Complexo do Ver-o-Peso chamada “Casa de Ervas e *Temperos*” (Herbs and Seasoning House) (Unesco 2015: 12, grifo próprio), que quando findada, será “an organic hub in the Amazon and major touristic spot.” (Unesco 2015: 12), constituídas pelas erveiras/os, “traditional herb vendors” (Unesco 2015: 12). O elo entre desenvolvimento, urbanismo, revitalização e manejo dos potenciais culturais constitui-se uma parte da essência das propostas das “cidades criativas”. Em Belém, tal realidade somou-se aos projetos turísticos do município e estado, uma vez que estão em diálogo e compartilham orientações.

No vigente Plano Turístico Ver-o-Pará (Pará 2012), de instância estadual, o Ver-o-Peso aparece como principal ponto turístico edificado. Entretanto, nesse documento, a única fotografia associada ao Complexo é a de uma erveira, ilustrando as páginas de número 24 e 25, de título: “A situação do Pará no mercado”. E subtítulo: “O produto Pará no *trade* local” (Imagem 1). Percebe-se a relevância das ervas e erveiras, posicionadas como elementos diretos para o mercado turístico, denotando que elas se marcam mais distintas do que as edificações tombadas, como o Mercado de

Ferro, visto que é uma erveira, com seus produtos tradicionais, que aparece solitária e representativa do Ver-o-Peso em um documento estadual.

O último Plano de Reforma do Ver-o-Peso (Belém 2016) trata de problemáticas apontadas ainda por Antônio Lemos. Pautando-se em três pilares: salubridade, segurança e ordem. A última, compreendida como ferramenta, capacitaria a vigência das demais. Por meio do ambiente de estrutura padronizada, com uma ordenação controlada dos dispositivos de venda (barracas, vitrines, ferramentas, bancos...), a salubridade e a

2 A situação do Pará no mercado

Este capítulo apresenta a análise da situação do produto Pará nos canais de comercialização do mercado local, nacional e internacional. Também analisa a opinião do *trade* turístico nacional sobre o produto Pará, levantada por meio de uma pesquisa qualitativa junto às principais operadoras e agências de turismo brasileiras presentes na 39ª Feira das Américas (ABA), que aconteceu em outubro de 2011 no Rio de Janeiro.

O produto Pará no *trade* local

As agências e operadoras de viagens e turismo do Estado do Pará cadastradas na Paratur totalizam 148 empresas, dessas 22% ocupam-se do turismo receptivo, das quais 70% estão localizadas no Polo Belém:



Fonte: Elaborado por Chiriz Izanetiro

A partir da análise das ofertas nos sites das empresas, estabeleceu-se o mapeamento dos produtos turísticos com maior presença na oferta do *trade* local. O gráfico acima mostra que a maioria de produtos é do Polo Belém, seguido pelos Polos Tapajós e Marajó e, em menor medida, pelo Amazônia Atlântica. Quase nula é a oferta dos Polos Araguaia-Tocantins e Xingu.



Imagem 1 - Detalhe de fotografia escolhida para ilustrar o complexo do Ver-o-Peso. Fonte: Pará (2012).

segurança aumentariam, primeiro pela *limpeza* e segundo pelo *controle de periculosidade*. No entanto, tal projeto foi discutido com pouca participação, mas notável hesito e ressalva pelos feirantes - destaque aqui que as/os erveiros possuem expressiva organização política dentro do Complexo, vide a Associação Ver-as-Ervas, porém, outros feirantes organizados relatam os mesmos processos “de cima para baixo”. Durante pesquisa etnográfica, foram apontadas as desconexões, autoritarismos, desarranjos e conflitos diretos com o então poder municipal (gestões de Zenaldo Coutinho, 2013-2020), mesmo havendo concordância sobre a necessidade de melhorias, referentes à facilitação estrutural de suas atividades e seus direitos trabalhistas. Tais tensões advêm de um sentimento de perda da autonomia e soberania sobre a compreensão real da Feira, seus trabalhadores e frequentadores, materializada pela disputa sobre o controle e formatação da estrutura edificada. As/os erveiras/os entrevistadas/os advogam por melhorias no ambiente de trabalho, principalmente aquelas referentes à segurança, tanto trabalhista como pessoal: adequação do sistema elétrico, luzes e segurança noturna, expulsão/prevenção do acúmulo de águas pluviais e fluviais comuns do inverno amazônico. Apontamentos e avaliações sobre a renovação de estruturas, abertura de espaços, reelaboração do sistema de saneamento

e coleta de lixo, rede elétrica, sanitários, limpeza e outros mais percorreram as observações das/os feirantes, que se referem sempre ao desejo de melhorias da condição de trabalho, valorização da categoria e do Ver-o-Peso enquanto feira.

No Setor das Ervas, a estrutura física possui enorme relevância, pois compõe as apreensões sensoriais da seção, vitais para o comércio corrente. Erveiras/os utilizam-se profundamente da apresentação sensorial as que caracteriza em comparação aos demais setores, sendo essa singularidade a marca imagética e memorialística que impulsiona as considerações sobre Setor das Ervas, as/os erveiras/os e o uso tradicional de produtos medicinais naturais enquanto elementos potenciais de atração turística. A partir de uma construção gestáltica (Vieira 2020, Merleau-Ponty 2004) entre a estrutura, padronização e ordenação das barracas, somadas ao posicionamento da seção dentro do Complexo e as vias de acesso à feira - em um modo tema-horizonte (Merleau-Ponty 2004) -, é manejado pelas/os erveiras/os a criação consciente de recursos sensoriais tais quais cores, cheiros, formas e sonoridades (apresentados na composição da disposição das ervas, produtos embalados, apetrechos de trabalho, utilizações da infraestrutura do Complexo como suportes, decorações e posicionamentos das/os erveiras/os). Para essas/esses feirantes, a modificação do Setor, segundo o projeto de revitalização é desarticuladora. O último projeto (Belém 2019)

- na gestão Zenaldo Coutinho - mudaria o setor de lugar e integraria fisicamente as barracas à estrutura edificada, essa então, um mercado fechado, findando a forma feirística característica e identitária. Diretrizes também determinavam a regulação do novo espaço individual, proibindo a customização e particularização por meio do uso de decoração, acessórios expositores e de trabalho.

A situação atinge diretamente o âmago do comércio no Setor das Ervas, onde as interações com o público consumidor, sejam moradores ou turistas, é profundamente pessoalizada e afetiva, sendo fundamental a agência das/os erveiras/os sobre seu espaço. A seção se distingue por quem são as/os feirantes, em sua individualidade, pois são essas/esses determinantes para a qualidade dos produtos. O comércio não se faz objetivo, mas se constitui, reafirma e fortifica um tipo de costume afetivo profundamente interligado com a constituição da cidade (Penteado 1968, Vieira 2020). Comprar um banho de cheiro, ervas e óleos, se consultar com sua/seu erveira/o de confiança - como fazem e faziam seus parentes - brincar e fofocar, compartilhar saberes, expor os males do corpo e da alma, dentre muitas outras trocas das quais o afeto, tradição e identidade amalgamam-se em uma transação comercial é vivenciar a própria vitalidade local, que só acontece por autonomia e soberania das/os erveiras/os sobre seus espaços.

A autonomia das/os erveiras/os é circunstância categórica, uma vez que são elas/eles que mantêm o complexo intercâmbio entre conhecimentos etnoecológicos, práticas e usos tradicionais, singularidade do Setor das Ervas, transmissão do bem cultural e manutenção desse no ambiente intensamente mutável da cidade (Velho 2013). Essas/es são agentes geracionais dos saberes tradicionais, os quais resguardam e os promovem. São também agentes comerciais, atuantes no comércio de produtos medicinais de cura espiritual e fisiológica, que interagem de maneira afetiva. Ou seja, como vendedoras/es que são, se dinamizam perante as mudanças do tempo e atualizações do contemporâneo, partilhando e integrando. Inseridas/os na realidade citadina, aderem mais ou menos às influências municipais, de acordo com seus crivos, separando o que consideram ou não proveitoso. Não homogêneas/os, estão ligadas por laços sociativos (Simmel 2006) dos quais manejam conforme suas pretensões, formando um conjunto heterogêneo, mas bem-definido e consciente das noções das territorialidades urbanas (Leite 2004) que se associam.

Cientes do Ver-o-Peso como “imagem-marca” de Belém (Leão et al. 2017), essas/es feirantes validam e afirmam a relevância do Setor das Ervas, das suas figuras, dos produtos e conhecimentos perante o diverso público consumidor, principalmente

o turista. Tal consciência é seguida pelo reforço da posição que ocupam nas imagéticas, já que observam o incremento econômico. Ainda assim, apontam como determinadas ações envolvendo a ampliação do mercado turístico torcem a imagética da cidade de maneira a atribuir novos sentidos ao passado, presente e futuro, relacionando-se com uma qualidade comercial da cultura (Jayme & Trevisan 2012, Leite 2004) que as superficializam e essencializam (Vieira 2019). Pontuam repercussões econômicas negativas, já que, enquanto tratadas próximas a “bens culturais” (principalmente por turistas que seguem itinerários prontos, empresas e guias turísticos), apenas o caráter “experencial” do turismo cultural acontece e o principal intento, o comércio, se desvanece. A exemplo, erveiras/os entrevistadas/os citam a compra de banhos de cheiro ocorrendo em ambientes considerados higienizados e por preço muito maior, como em algumas lojas do vizinho centro comercial, a Estação das Docas (algumas das quais tentando espelhar o formato de barracas do Ver-o-Peso, ainda que diferentes de quaisquer outras dos setores da feira). Nesses locais, a compra ocorre conjuntamente com outros artigos de souvenir, como canecas, cadernos, camisetas, acessórios, imãs de geladeira. É a mercantilização da cultura, a cultura “enlatada” (Santana Talavera 2003: 52). Advém da sua transformação em produto e é

respaldada pela fetichização que o descolamento com a realidade local gera. Desconexão que pode aumentar com projetos de revitalização gentrificadores.

Os saberes tradicionais medicinais tratados são abrangentes e diversos dentro da realidade local não se configuram pasteurizados, tanto por suas múltiplas estruturas primárias quanto por suas atualizações no tempo, ou seja, são inventados e reinventados de acordo com as interações e pluralidade contextual, são “produtos históricos” (Cunha 1999) ligados aos seus contextos. Essa dinâmica é paralela aos saberes associados ao comércio pelas/os erveiras/os, o qual se faz um hábito (Hobsbawm 2008). As/os feirantes não estão desarticuladas e desvanecidas, mas consideraram a variabilidade material, adaptando e recriando estratégias de venda. São relações alinhadas com o tempo e seus estímulos, em que novas maneiras de relação dinâmica com os bens culturais são notadas, com “apropriação, reinterpretação, reabilitação e mesmo reinvenção de tradições” (Arantes 2006:431). Deve-se ter em conta essa agência quando pensada a atividade turística envolvendo artigos medicinais tradicionais tratados como bens culturais, observando a proteção deles, com uma imprescindível manutenção dos sentidos e comunidades que os têm como referência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística no Setor das Ervas mostra-se interacional e influente perante a circunstância dos saberes medicinais de cura tradicional. Interacional, uma vez que é um fenômeno considerado e trabalhado pelas erveiras/os, das quais se utilizam do seu potencial econômico e midiático, fortalecendo sua posição comercial, ampliando o alcance das vendas e dinamizando a concorrência. O Setor absorve o mercado turístico, somando aos seus produtos o aspecto do consumo experiencial, uma vez as/os erveiras/os são cientes da sua colocação social e narrativa. E é influente, pois o turismo associa-se aos fenômenos diretos e indiretos, como a reestruturação do espaço e manejo das formas comerciais entre erveiras/os e consumidores, assim como a formação dos processos simbólicos sobre a imagens dessas/es feirantes, suas práticas e seus conhecimentos.

O turismo mostra-se aderido aos processos locais de desenvolvimento urbanístico perante os espaços dos sujeitos diretos do Ver-o-Peso, feirantes, vendedores e trabalhadores. A partir dessa consideração, questões como agência, conflito e soberania entre propostas institucionais e realidade dos “anfitriões”, erveiras/os-feirantes, entrecruzam-se com contextos de fomento econômico advindos dessa atividade. Para tal, as próprias configurações e elementos culturais são tomados como chamarizes, seja pela dinâmica e política municipal, seja pelas/os feirantes da seção.

O caráter transformativo do espaço, manejos comerciais e saberes tradicionais, seja por meio institucional ou pelas/os feirantes, mostra-se conectado ao fluxo da dinâmica citadina. O turismo adere-se nessa configuração, influenciando matizes próprias. Não é necessariamente uma problemática para a difusão dos saberes tradicionais, visto que esses não são estáticos, mas adaptáveis ao contexto, tratando-se de noções e práticas apreendidas, manejadas e remanejadas. Contudo, com uma mercantilização dos saberes tradicionais a partir de uma lógica de fetichização da cultura, comum ao turismo de tipo “cultural”, impasses, desarticulações e marginalizações marcam a atual circunstância e realidade local, já que atingem os sujeitos diretos em níveis sociais, econômicos e identitários. Imagéticas estigmatizadas, saberes tradicionais superficializados e desbalanceamento econômico são repercussões que se intensificam quando cresce a desconexão entre gestores e anfitriões - instituições públicas e as/os erveiras/os -, tendendo a beneficiar mais/apenas os primeiros (Leite 2004). Logo, conhecer a trajetória dos saberes medicinais de cura tradicional enquanto dinâmica social possibilita entender seu valor - seja enquanto considerado um “bem cultural” ou não -, uma vez que tal valor não é intrínseco, mas em associação com o entorno (Meneses 2009). E assim, o fomento do turismo cultural deve considerar os sentidos que perpassam os elementos culturais, históricos e naturais em questão.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Londres: University of Minnesota Press.
- Arantes, Antonio. 2006. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. *Habitus* 4(1): 425-435. <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v4.1.2006.425-435>.
- Barretto, Margarita. 2003. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos* 9(20): 15-29. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200002>.
- Belém. BelemTur. 2020. *Plano Municipal de Turismo de Belém*. Belém.
- Belém. Prefeitura. 2019. *Revitalização da Feira do Ver-o-Peso*. Belém. <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B2WSm9iee25FRXdVNldlQmFrZnc>.
- Bourdieu, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand.
- Brasil. Mtur. 2018. *Plano Nacional de Turismo 2018-2022: mais emprego e renda para o Brasil*. Brasília.
- Cardoso, Ana et al. 2016. Quando o projeto disfarça o plano: concepções de planejamento e suas metamorfoses em Belém (PA). *Cadernos Metrópole* 18 (37): 823-844.
- Chambouleyron, Rafael. 2008. O espaço e os moradores da Belém seiscentista, in *Conheça Belém, comemore o Pará*. Organizado por Beltrão, Jane, Vieira Jr., Otaviano. Belém: Edufpa.
- Costa, Maria. 2013. O discurso higienista definindo a cidade. *Mercator* 12(29): 51-67.
- Cunha, Manuela. 1999. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. *Revista de Estudos Avançados* 13 (36): 147-163. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000200008>.
- Douglas, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Duarte, Robledo. 2019. *Mediadores de educação para patrimônio*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Universidade Aberta do Nordeste.
- Eckert, Cornelia; Rocha, Ana. 2003. Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana. *Illuminuras* 4(7): 1-22. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9160>.

- Edwards, Elizabeth. 2016. Rastreado a fotografia, in Barbosa, Andrés et al. *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Figueiredo, Napoleão. 1994. Os “bichos” que curam: os animais e a medicina de “folk” em Belém do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Série Antropologia*. Belém.
- Gupta, Akhil. 2015. Fronteras borrosas: el discurso de la corrupción, la cultura de la política y el estado imaginado, in Abrams, Philip; Gupta, Akhil; e Mitchel, Timothy. *Antropología del Estado*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.
- Hobsbawm, Eric. 2008. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm, Eric. 1971. From social history to the history of society. *Daedalus* 100(1): 20-55.
- Jayme, Juliana; Trevisan, Eveline. 2012. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. *Civitas - Revista de Ciências Sociais* 12(2): 359-377. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2012.2.11933>.
- Landry, Charles. 2013. *Origens e futuros da cidade criativa*. São Paulo: Sesi.
- Leão, Ana et al. 2017. O caso de reforma do Ver-o-Peso e a política avessa à cidadania, in *Escalas amazônicas: artes visuais e políticas públicas*. Organizado por Agum, Ricardo, Maneschky, Orlando, Stoco, Sávio. Manaus: Valer.
- Leitão, Wilma. 2010. *Ver-o-peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. Belém: Naea/UFGA.
- Leite, Rogério. 2004. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp.
- Lima, Maria. 2008. Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém.
- Little, Paul. 2002. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia de territorialidade*. Série Antropológica.
- Magnani, José. 1996. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole, in *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. Organizado por Magnani, José Guilherme, Torres, Lilian de Luca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Maués, Paola. 2014. O valor que o Ver-o-Peso tem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Unirio, Rio de Janeiro.
- Meneses, Ulpiano. 2009. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. in I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. *Anais [...]*. Ouro Preto.
- Merleau-Ponty, Maurice. 2004. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moraes, Francianny. 2017. O mercado público como equipamento de modernização urbana: o Ver-o-Peso e o Francisco Bolonha em Belém. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Nora, Pierre. 1997. *Les lieux de mémoire*. Paris: Quarto Gallimard.
- Oliveira, Sabrina. 2018. As ervaíras do Ver-o-Peso: permanências e mudanças no trabalho artesanal com as ervaíras entre 1998 e 2017. TCC, Universidade da Amazônia, Belém.
- Omt. 2001. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca.
- Paes, Maria. 2017. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. *Geosp: Espaço e Tempo* 21(3): 667-684. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2017.128345>.
- Pantoja, Ana; Simonian, Ligia. 2010. Economia familiar intergeracional a partir das mulheres negras da feira do Ver-o-Peso, Belém, Pará, in *Belém do Pará: história, cultura e sociedade*. Organizado por Simonian, Ligia. Belém: Editora do NAEA.
- Pará. Setur. 2012. *Plano Ver-o-Pará: plano estratégico de turismo do estado do Pará, 2012-2020*. Belém.
- Penteado, Antônio. 1968. *Belém: estudo de geografia urbana*. Belém: UFPA.
- Pérez, Xerardo. 2009. *Turismo Cultural: uma visão antropológica*. Tenerife: ACA.
- Reis, Daniel. 2015. *Cidade (i)material: museografias do patrimônio cultural no espaço urbano*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj.
- Santana Talavera, Agustín. 2003. Turismo cultural, culturas turísticas. *Horizontes Antropológicos* 9 (20): 31-57.
- Santos, Fernando. 2000. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 6: 919-939. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000500009>.

- Sarges, Maria de Nazaré. 1998. *Memórias do velho Intendente: Antônio Lemos, 1869-1973*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Sarges, Maria de Nazaré. 2000. *Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu.
- Shamai, Shmuel Ilatov, Zinaida. 2005. Measuring Sense of Place: Methodological Aspects. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie* 96(5): 467-476. 10.1111/j.1467-9663.2005.00479.x.
- Silva, Kelly. 2005. O poder do campo e o seu campo de poder. *Série Antropologia* 385.
- Simmel, Georg. 2006. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Siqueira, Paula. 2005. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo* 13(13): 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>.
- Trindade Júnior, Saint-Clair. 2018. Um “skyline” em mutação: o velho centro e as transformações urbanas em Belém. *Novos Cadernos Naea* 21(1): 57-78.
- Unesco. 2004. *A Rede de Cidades (Unesco Creative Cities Network – UCCN)*.
- Unesco. 2015. *Belém Unesco Creative City of Gastronomy: membership monitoring report 2015-2019*.
- Urry, John. 1996. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel.
- Velho, Gilberto. 2013. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Veloso, Mariza. 2006. O fetiche do patrimônio. *Habitus* (4)1: 437-454.
- Vieira, Laura C. 2020. Saberes da floresta, produtos na cidade? Os atravessamentos socioculturais que permeiam as práticas tradicionais de cura amazônica em ambiente urbano - Belém/Pará. 2020. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Vieira, Laura C. 2019. As mulheres erveiras do Ver-o-Peso e os olhares patrimoniais. *Caminhos da História* 24(1): 97-113.